



O primeiro espetáculo flamenco

Clezio Saldanha Dos Santos

O Flamenco: arte, música, ideologia, família, folclore, paixão, expressão, comunicação, e muito mais. Hoje faleceu Paco de Lucia: um ícone, um gênio que fez, com sua convicção de artista e de músico, um estilo de vida ser transformado em um estilo de música que ficou conhecido em todo o planeta. Ainda emocionado pelo episódio, resolvi fazer esse texto.

A dança flamenca nasceu da mistura de culturas de povos nômades, e é resultado de manifestações folclóricas de vários grupos que, ao passar pelo crivo dos andaluzes, se transformou em uma cultura localizada, com traços fortes e personalidade vibrante. Uma arte que se comunica através de movimentos do corpo, principalmente pelo sapateado, motivados pelo som de uma guitarra espanhola e por outros sons incorporados ao longo do tempo, como o cajón (agregado por Paco de Lucia). Suas melodias, muitas delas alegres, outras tristes, umas provocativas e outras críticas, nos proporcionam sentimentos como se fosse uma viagem ao convívio cigano.

Quando os bailarões entram no palco, com suas vestes típicas, os homens contagiam pelo semblante masculino conquistador e compenetrado; as mulheres, por sua vez, despertam os olhares mais sedutores por suas silhuetas e pelas expressões dos seus corpos. Neste momento, a força da arte também entra em cena, pois a dança e a cantoria são a pura manifestação da "dor de cotovelo", ou então, da solidão ou da provocação, mas também podem ser uma fiel mostra da alegria da festa ou de uma paixão fiel e encantadora.

O resultado desse turbilhão é um fascínio pela cultura e pelo estilo de vida dos seus criadores. Sem deixar de ser música e poesia de raiz popular, pode-se dizer, segunda a opinião da maioria dos estudiosos, que o flamenco é um folclore elevado à arte, tanto por suas dificuldades interpretativas quanto por sua concepção e formas musicais.

Mas, aquele ano em que participei, pela primeira vez, de um espetáculo de flamenco, foi um ano de trabalho duro, pois, além de uma adaptação à cultura, também foi necessário aprender os passos da dança e sua sequência, os ritmos, o entrosamento com os colegas, as etapas do espetáculo e, o mais audacioso, a conquistar o público.

Os ensaios eram duros, pelo menos três vezes por semana. Era um intensivo de sapateado, intervalados com sequências de passos. Seguidamente, faltavam colegas aos ensaios, pois não conseguiam conciliar suas atividades

profissionais com a dança. Isto dava mais trabalho aos professores, para fazer a harmonia do grupo e fazer os ensaios de acordo com a mesma dificuldade do grupo em uma sequência de passos.

Na medida em que os passos iam ficando mais firmes, os professores incorporavam, aos passos, os movimentos de corpo, mãos, tronco e cabeça, até se chegar ao passo final. Por último, entrava a música, para auxiliar na identificação da sequência de movimentos.

Era imprescindível conhecer o bolero, o tango, a sevillhana, a buleria, a alegria, as palmas, a utilização de castanholas. E tudo isso sendo conjugado através da emoção que era esboçada na música. Era a mais pura arte sendo lapidada, cultivada e preservada.

Houve a fase de definição do figurino, a fim de alinhar as vestes ao tema principal do espetáculo. Para os homens, os trajes definidos eram mais clássicos, um terno, às vezes completo, e, noutras vezes, com camisas por fora da cinta. Já para as mulheres, variavam seus vestidos de acordo com o roteiro do espetáculo, muitas vezes com cores vibrantes e outras com cores em tons pastel, lisas ou com estampas floreadas.

Às vésperas do ensaio, conhecemos o roteiro do espetáculo, os músicos, os artistas convidados, os cantadores, os baillaores, e todas as coreografias. Nessa fase, os ensaios se tornavam mais intensos e com todos os participantes presentes. Nessas alturas, já conhecíamos o potencial dos colegas, suas forças e fraquezas, bem como suas atitudes frente aos desafios. Era hora de a coreógrafa escolher as posições de cada um de nós no palco. A tensão aflojava, principalmente para os iniciantes, como eu. Para mim, tudo era novo. Tudo era surpreendente e fascinante, dia após dia.

A hora do espetáculo chegou. A casa estava repleta de espectadores. O palco estava preparado, com um cenário no fundo, lembrando o tema principal. Microfones foram embutidos perto do solo, para se ouvir com maior nitidez o impacto dos sapateadores. Os baillaores prontos, já vestidos e maquiados, todos com o roteiro decorado. Todos estavam muito concentrados na sequência dos passos da sua coreografia. Os músicos também estavam a postos. E, talvez em todos, a ansiedade, o nervosismo, angústia; alegria; o medo de errar. Naquele momento, tudo o que ia aparecer no palco estava concentrado em cada um de nós.

Depois de um ano de preparação, as luzes se acenderam, nós entramos na hora certa, e no contar dos passos (aqueles segundos se tornavam uma eternidade), os músicos avisaram: – Era hora de começar a coreografia. Mal sentia os meus pés, a emoção e a razão se misturavam de uma intensidade impressionante, as mãos se contorciam, o corpo tenso, mas os ouvidos alertas (conforme avisos do professor). O meu olhar era penetrante, mas era fixo num ponto, o suor invadia as vestes, os cabelos acompanhavam movimentos bruscos dos braços. A concentração era tamanha, na sequência e na sincronia dos movimentos com a música, que, durante a apresentação, esqueci da presença da plateia.

A última pisada, naquele palco, naquela coreografia, foi forte, foi invasiva, foi vibrante. Foi quando as luzes se intensificaram e os aplausos tomaram conta da cena. A sensação de alegria efervescente foi de ter conquistado o público. No final do espetáculo, a plateia levantou-se, em sinal de reconhecimento. Nessa hora, as lágrimas contaram a história da perseverança, da

garra, da felicidade, mesmo que momentânea.

Mas o melhor de tudo isso é que a arte sobrevive graças às pessoas que se dedicam a uma paixão e amam o que fazem. Cantando, organizando, dançando, pintando ou construindo, fazem do nosso dia a dia um espetáculo.

Se um dia chegarmos a ser profissionais de alguma coisa, é porque passamos por um primeiro espetáculo da vida, entre a ciência e a arte, como "Entre dos Aguas" de Paco de Lucia, seu primeiro grande sucesso.